

Wellisch denuncia má vontade de governador

Sebastião Pedra

O secretário da Fazenda Nacional, Luís Fernando Wellisch, identificou ontem uma flagrante "má vontade" entre os governadores e secretários estaduais de Fazenda ao rejeitarem a proposta apresentada pelo Governo de reestruturação da dívida interna e externa, avaliada em US\$ 57 bilhões. "Infelizmente a proposta foi mal-entendida, certamente por má vontade ou por aquele tipo de pessoa que adota o comportamento "não li e não entendi", afirmou.

Apesar de ter lido as críticas pelos jornais, Wellisch disse que até agora o Ministério da Economia não recebeu qualquer contraproposta à idéia apresentada aos governadores. Mais uma vez ele deixou claro que o Governo não quis fazer barganha política ao condicionar a renegociação da dívida à aprovação do Emendão. "Eles têm que entender que nós estamos administrando a crise". A idéia, explicou, é estabelecer um ajuste tanto para a União como para os estados e municípios para que depois possam ter condições de pagar a dívida.

"Se não tomarmos uma providência, em curto prazo voltaremos a enfrentar os mesmos problemas", afirmou. Wellisch detalhou ontem mais uma vez a proposta de reestruturação da dívida estadual e de alterações constitucionais no encontro sobre reforma tributária promovido pelo Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Tesouro Nacional (Sindifisco).

Segundo ele, os recursos adicio-



Wellisch afirma que a proposta do Governo foi mal-entendida

nais transferidos pela União após a promulgação da Constituição de 1988 não bastaram para cobrir os gastos exorbitantes dos estados e municípios, o que os levou a buscar auxílio financeiro junto ao Governo Federal. A situação é pior porque, conforme o diretor do Departamento da Receita Federal, Carlos Guimarães Marcial, os municípios não utilizam toda a sua capacidade tributária. "Apenas 10% dos municípios conseguem cobrar hoje o Imposto Sobre Serviços (ISS) e o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU).

Durante todo o debate, Wellisch, um funcionário de carreira do Banco Central, foi tratado com

cenas explícitas de corporativismo pela platéia repleta de fiscais, que cochichavam a cada intervenção do secretário demonstrando desagrado.

O desagrado dos fiscais foi maior quando Wellisch, em uma posição contrária à apresentada por Carlos Marcial, defendeu a unificação das carreiras, incluindo até mesmo pessoas que ingressaram no serviço público sem concurso. O clima só voltou a ficar ameno quando Wellisch, por mais de dez minutos, enalteceu o trabalho dos fiscais defendendo o fim do sigilo bancário para efeito de fiscalização da Receita Federal.